

# Guimarães Rosa e o *Bogotazo*<sup>1</sup>

Bairon Oswaldo Vélez Escallón

(Universidade Federal de Santa Catarina)

## Resumo

“Páramo” é uma narrativa de João Guimarães Rosa, cujo cenário é a Bogotá da década de 40, que conta a experiência de *soroche* e melancolia de um diplomata brasileiro. O autor viveu nessa cidade entre os anos 1942 e 1944, retornou como delegado do Brasil a IX Conferência Pan-americana e testemunhou o chamado Bogotazo, em abril de 1948. Este artigo procura vestígios desse contato, propõe uma leitura da narrativa como remontagem da história e estuda alguns problemas relacionados com os protocolos de leitura corriqueiramente associados à escritura rosiana.

**Palavras-chave:** Guimarães Rosa; literatura brasileira; literatura colombiana; Bogotazo; barroco e desconstrução.

## Abstract

"Páramo" is a João Guimarães Rosa's story, staged in the 40's in Bogota. The story recounts the experience of altitude sickness and melancholy of a Brazilian diplomat. The author lived between 1942 and 1944 in that city, he came back when was part of the Brazilian representation to the IX Pan-American Conference and witnessed the "Bogotazo", April 1948 uprising. This article traces that contact between Rosa and Bogota, it proposes a reading of this story as a re-assembly of history and studies some problems related to reading protocols usually associated to Rosa's writing.

**Keywords:** Guimarães Rosa; Brazilian literature; Colombian literature; Bogotazo; Baroque and deconstruction.

---

1 Este trabalho é a versão ampliada de uma comunicação apresentada no *Congresso Internacional Fluxos Literários: ética e estética* (Junho de 2012).

Em 1942, nomeado segundo secretário da embaixada brasileira, João Guimarães Rosa foi para Bogotá, e morou nessa cidade até 1944. Em 1948, no marco na IX Conferência Pan-americana, Rosa retornou por alguns dias, também em missão diplomática. As fontes referidas à biografia do escritor registram essas duas passagens em trechos expressivamente curtos e pouco documentados. Isso chama a atenção, principalmente, quando se leva em conta que: 1). durante sua primeira estadia na cidade, Rosa reelaborou *Sagarana*<sup>2</sup>, e 2). em 48, na sua segunda passagem, viveu o *Bogotazo* –uma revolta fundamental para a história latino-americana do século XX, intimamente ligada à Conferência e que quase destruiu a cidade. Algo mais chama a atenção: dentre os textos póstumos do escritor há um –intitulado “Páramo”– que narra em primeira pessoa a experiência de um diplomata que sofre com a altura, numa cidade andina a qual é enviado no início dos anos 40.

O próprio escritor pouco se referiu ao assunto em cartas, discursos ou narrativas e, segundo testemunhos de terceiros, em 48, não demonstrou grande interesse pela cidade que pegava fogo<sup>3</sup>. Antonio Callado numa entrevista, p.ex., contava que, após a explosão da revolta Guimarães Rosa teria “desaparecido”. Dias depois aconteceria o seguinte diálogo entre os escritores:

Quando ele reapareceu, eu disse: “Puxa, Rosa! Onde é que você andou?” E ele me respondeu: “Estava todo o tempo na residência do embaixador”. A casa ficava no bairro mais

---

2 Veja-se, a respeito, o depoimento de Marques Rebelo com ocasião da morte de Rosa: “Respondeu-me que era a sua intenção refazer o volume em Bogotá, onde iria servir, acreditava poder encontrar tempo para tanto labor. Partiu, refez o livro, voltou. [...] *Contos* fora batizado [e reduzido, pois de 500 páginas passou a 300]. E *Sagarana* foi um sucesso do qual todos estamos lembrados e orgulhosos”. (MARQUES REBELO, 1968, p.137). Devemos frisar aqui esse caráter de *intenção*, pois há documentos que impedem afirmar essa reescritura bogotana como um fato incontestável. Um deles é a carta de 1946 enviada ao escritor João Condé junto com a primeira edição de *Sagarana*, em que Guimarães Rosa esclarece algumas das condições de escrita desse, seu primeiro volume publicado de *estórias*: “O livro foi escrito [...] em sete meses [entre 1937 e 1938]; sete meses de exaltação e deslumbramento. (Depois repousou durante sete anos; e, em 1945 foi “retrabalhado”, em cinco meses, cinco meses de reflexão e lucidez)” (ROSA, 1946, s/p). 1945: portanto um ano após o retorno da Colômbia. Mantenha-se o friso na *intenção* e pense-se na experiência vivida durante esses anos de “repouso”.

3 Veja-se a propósito esse comentário de Glauber Rocha em *Riverão sussuarana*: “*Vanguarda cósmica no Congresso: todo mundo falou e o maior escritor disse besteira*. Os fofoqueiros o exculhambavam nos corredores e Restaurantes. *Viu o que disse? Que não entendia de política.* Pois sim: no tal Bogotazo da Colombya, contou-me Antonio Callado, estava seu Rosa no Hotel curtindo um proustezinho enquanto o povo tocava fogo na cidade”. (ROCHA, 2012, p.10)

chique de Bogotá<sup>4</sup>, era enorme e tinha um parque imenso. “Mas você não viu o que aconteceu em Bogotá? Puxa, parecia a história de Augusto Matraga, de tanto que mataram gente... Isso aconteceu no meio da rua, o tempo todo!” Foi então que ele me disse: “Ora, Callado, o que tenho que escrever já está tudo aqui na minha cabeça. Não preciso ver coisa alguma (...)”. – “Mas Rosa, olha, eu garanto que você ficaria impressionado. Foi um espetáculo terrível... O que você fez durante todos esses dias?” Ele disse: “Eu reli o Proust”. Vejam só! (...) Ignorou a cidade que pegava fogo porque já tinha todas as guerras de que precisava dentro da cabeça. Tive então uma estranha visão do gênio daquele homem. (CALLADO, 1995, p.24-25)

Mas, o quê estava acontecendo? Em que consistiu o chamado *Bogotazo*?

Tem como preâmbulo uma história de lama e sangue. Na primeira metade do século XX, a Colômbia viveu profundas transformações econômicas e sociais. O processo de modernização e industrialização do campo e das cidades, mesmo que precário, acarretou confrontos em múltiplos cenários, e marcou profundamente essa etapa da história colombiana – cuja principal decorrência seria a denominada Violência (1945-1965<sup>5</sup>), uma guerra civil que enfrentou os dois partidos hegemônicos por um período de mais de 20 anos. O liberalismo econômico que sustentava essas transformações, e aproximava no plano ideológico os atores políticos em confronto (favorecendo a penetração do capital estrangeiro, particularmente estadunidense, a partir da crise de 29), teve como manifestação saliente a rejeição da intervenção estatal em assuntos de produção e comércio, o que também modificou radicalmente a qualidade da participação política da cidadania (MEDINA, 1989, p.22). A concentração da propriedade fundiária, nesses anos, aumentou exageradamente, como uma das consequências de uma industrialização da cujas expectativas não poderiam satisfazer o minifúndio ou a pequena propriedade (SÁNCHEZ GÓMEZ, 2004, s/p).

4 Segundo o documento *Personal de las Delegaciones y de la Secretaría General*, o endereço de Guimarães Rosa coincide com o do embaixador João Neves da Fontoura: “Calle 87, N° 8-64” (Trata-se do prédio hoje usado como Embaixada da França em Bogotá)(1948, p.23-25). Leve-se em consideração que Chapinero, o bairro dessa residência, está a quase 70 quarteirões do local dos distúrbios.

5 As datas de início e fim da denominada Violência são uma questão controversa entre os autores dedicados ao seu estudo. Entretanto, aderimos à datação que Gonzalo Sánchez Gómez confere a esse fenômeno em seu período “clássico”. (Cfr. 1997)

Dessa maneira, o campo transformou-se em uma terra sem homens e a cidade se povoou de homens sem terra (KALMANOVITZ, 2001). A violência econômica, assim, teve a violência armada como a sua principal coadjuvante (MEDINA, 1989, p. 25). A economia “crescia”, segundo os índices de desenvolvimento do estado<sup>6</sup>, e o número de mortes violentas também<sup>7</sup>. Uma violência política extremamente sacralizada (e, não raro, com a igreja católica como aliciadora), nesse quadro, serviu como um instrumento de continuidade no privilégio dos partidos e da classe a que esses partidos representavam (Cfr. GÓMEZ et.al., 1988). O êxodo rural foi constante nessas décadas, deslocava enormes massas de população do campo às grandes cidades, cujas fisionomias se modificaram radicalmente.<sup>8</sup> Isso deu à sociedade e ao espaço urbano um semblante heterogêneo, de justaposição ou amontoamento, que José Luis Romero não duvida em denominar de “barroco” (1976, p. 336; 343).

Chamados simplesmente de “massa”, como uma maneira de nomear essa multiplicidade tão heterogênea como numerosos e diferentes eram os seus lugares e as suas culturas de origem, esses novos habitantes, sentidos como intrusos, deram um novo sentido ao conjunto e à identidade da cidade. Essa nova cidadania foi caracterizada pela *anomia*, e precisamente o desejo da massa por se integrar à sociedade normalizada desencadeou as lutas políticas e sociais do período (ROMERO, 1976, p. 322).

Destro do partido Liberal, uma tendência “progressista” representada por políticos como o candidato presidencial Jorge Eliécer Gaitán, propunha integrar aos programas governistas um projeto socialista moderado, decorrente de considerações de luta de classes e da escandalosa assimetria social de um país com a quase totalidade da

6 “Entre 1945 y 1949 el producto interno bruto, el producto interno per cápita y el ingreso nacional bruto se incrementaron a una tasa anual de 5.9%, 3.6% y 7.5%, respectivamente. Entre 1945 y 1953 la industria creció a la tasa record anual del 9.2%. La agricultura vio aumentar el volumen de producción en un 77% para 1948 y en 113.8% para 1949”. (MEDINA, 1989, p. 22)

7 De 13.968 em 1947 a 43.557 em 1948, segundo os dados oficiais, e a 50.253 em 1950. O número total de mortos até esse ano se calcula em 126.297. (Cfr. OQUIST, 1978)

8 “Cuatro capitales –Santiago, Lima, Bogotá y Caracas– tuvieron un crecimiento vertiginoso. Santiago se acercaba al millón en 1940 y llegó a 2.600.000 treinta años después; pero en el mismo plazo Lima pasó de 600.000 a 2.900.000, Bogotá de 360.000 a 2.540.000 y Caracas de 250.000 a 2.118.000. [...] Las migraciones arrinconaban a la sociedad tradicional de la capital, se filtraban en ella o acaso la cercaban” (ROMERO, 1976, p. 328). Segundo cálculos de Elisa Mújica, na sua edição crítica das *Reminiscencias de Santafé y Bogotá*, em 1938, Bogotá tinha 336.312 habitantes, que passaram a ser 552.887 em 1948. Em 1957, de acordo com a mesma fonte, a população passava de 1.000.000. (MÚJICA, 1962, p. 1543)

propriedade em pouquíssimas mãos. Gaitán se fez uma figura quase messiânica com fortes bases populares, um representante da massa anômica, à procura da sua integração, que conseguiu amplo apoio eleitoral. Essa massa se ressentiu gravemente da exclusão do *caudillo* da IX Conferência Pan-americana, evento em que iriam se debater questões econômicas de profunda relevância para a Colômbia, como para toda a América Latina.

À uma e cinco minutos da tarde da sexta-feira 9 de abril de 1948, quando saía do seu escritório, Gaitán Ayala foi morto a tiros. Ao grito de “¡Mataron a Gaitán!” os transeuntes prenderam o suposto matador, o lincharam e depositaram o seu cadáver perante o palácio presidencial.

O diabo andava solto na rua. Como um redemoinho infernal a massa passou pela cidade. Sem a mínima organização, sem objetivos claramente dirigidos, sem liderança nenhuma, sem cabeça, a revolta foi o caos total<sup>9</sup>. Para José Luis Romero, a multidão não tinha nada a perder ou a ganhar, pois Gaitán já estava morto: “no salió a defenderlo sino a vengarlo, y la cuota de violencia fue mucho mayor” (1976, p.340). Houve, no entanto, certa lógica, certa ordem nos alvos primários da destruição, pois todos eles estavam vinculados com o governo, com a Igreja Católica –tradicionalmente atrelada ao Partido Conservador– ou com a Conferência. Dessa maneira, nas primeiras horas após o assassinato, a voragem entrou no Capitólio Nacional e no Palácio San Carlos, que sediavam a IX Conferência, e saqueou ou destruiu uma boa parte das suas luxuosas dependências. O *tranvía* (bonde) construído pela estadunidense *The Bogotá City Railway Company* ardia ao longo das linhas que cruzavam o Centro em todas as direções. Armada com qualquer coisa, a multidão desafiou as forças armadas do estado tomando-lhe vários dos seus baluartes: o Palácio dos Tribunais e a Prefeitura de Polícia foram incendiados junto com todos os arquivos que esses prédios resguardavam (quatro séculos de arquivos judiciais e policiais). Também foram depredados os edifícios do Ministério do Governo, do Palácio da Justiça, da Nunciatura Apostólica, do Ministério da Educação, do Ministério das Relações Exteriores, da Embaixada dos Estados Unidos, do Palácio Arquiepiscopal, dos Correios Nacionais, da sede do jornal *El Siglo*, do Hospício, da Procuradoria da Nação, do Ministério do Interior, a própria

9 São as conclusões de Fidel Castro, em entrevista a Jaime Mejía Duque. (Cfr., 1983, p.47). Essas impressões se repetem na entrevista ao líder cubano inserida na crônica de Joel Silveira. (Cfr., 2001, p.201-204).

sede presidencial, várias instituições educativas ligadas à igreja católica, vários conventos e templos, vários quartéis. Mais tarde o turbilhão tomara os comércios, os hotéis, invadiu prédios públicos e privados; fez do centro uma fogueira imensa, de 20 quarteirões. Depois a revolta se estendeu por todo o território nacional, nas áreas rurais como nas urbanas se incrementou a violência até limites desconhecidos e não houve mais meios termos em matéria de política. Os informes oficiais falam de quinhentos mortos nos três primeiros dias do *Bogotazo*, mas há autores que fazem um cálculo que alcança os três mil (Cfr. ALAPE, 1985; ARIAS, 1998, p.39). A Violência, em seu período “clássico”, se estenderia até o ano 1965 -com um saldo aproximado de 200 a 300.000 mortos e de entre 900.000 e 1.200.000 deslocados (KALMANOVITZ, 2001, s/p)- e teria consequências posteriores que, somadas com outros fenômenos, configurariam o conflito atual da Colômbia.

Do discurso pronunciado em Washington, o dia 24 de maio de 1948, por Alberto Lleras Camargo (ex-presidente da Colômbia no período 1945-1946 e então presidente da União Pan-americana) podem-se inferir vários resultados imediatos da IX Conferência, assim como os objetivos que impulsionaram a sua organização: unanime adesão ao “Pacto de Bogotá”, que impunha a total submissão dos países do bloco aos lineamentos dos Estados Unidos em matérias econômicas, sociais, educativas, culturais, administrativas, jurídicas, etc.; alinhamento ideológico e político com esse país na posteriormente denominada Guerra Fria, e consequente perseguição continental dos “comunismos” da região; a consolidação definitiva do Tratado Interamericano de Assistência Recíproca (TIAR), que com a sua “doutrina da defesa hemisférica” abria a possibilidade de considerar qualquer manifestação adversa ao tratado como uma ameaça provinda de “agressores extracontinentales” e prescrevia a cooperação militar em tais casos, com o apoio de um “Comité Consultivo de Defesa” sediado em Washington (LLERAS, 1948,p.4-6); a criação da OEA.

A história posterior da América Latina dispensa outros comentários sobre as decorrências da política internacional que se fortalecia em cenários como a IX Conferência Pan-americana, mas o que é um fato é que o *Bogotazo* serviu como exemplo do “caos comunista” que, segundo a União, ameaçava a região caso não se optasse pela homogeneização econômica e ideológica. A revolta, que não teve objetivos claros, nem cabeça, ou seja, que não acabou em revolução, foi aproveitada pelo

projeto capitalista em curso, foi capitalizada, especulou-se com ela<sup>10</sup>. No caso colombiano legitimou a aniquilação sistemática de toda oposição política à hegemonia bipartidista e foi o prólogo sangrento da guerra que até hoje se vive nesse país.

Guimarães Rosa partilhou das negociações como secretário da delegação brasileira que representava ao governo Dutra, sob as ordens do Ministro João Neves da Fontoura, a quem dedicou o seu “Discurso de Posse” na Academia Brasileira de Letras. Pode se dizer que o escritor, como diplomata, esteve do lado dos vencedores, do lado que escreve a História. A ficção, entretanto, tem o poder de remontar os fatos: “*A estória não quer ser história. A estória, em rigor, deve ser contra a História*” (ROSA, 1968, p.3). “Páramo”, se aproveitarmos a referencia a Proust, pode ser lido como uma procura do tempo perdido.

“Páramo” narra os meses de *soroche* (o mal de alturas) de um brasileiro em Bogotá; também uma experiência de extrema despersonalização, de morte em vida e exílio. No meio do caminho de sua vida, esse homem se perde numa selva escura e luminosa, colonial e moderna, de adubo e cimento. Eis a temática fundamental, que poderíamos chamar de “retorno da morte” e resumir na seguinte citação da sua primeira parte, que funciona a modo de prólogo:

Sei, irmãos, que todos já existimos, antes, neste ou em diferentes lugares, e que o que cumprimos agora, entre o primeiro choro e o último suspiro, não seria mais que o equivalente de um dia comum, senão que ainda menos, ponto e instante efêmeros na cadeia movente: todo homem ressuscita ao primeiro dia. // Contudo, às vezes

---

10 A Comissão de organização da Conferência esteve presidida por Laureano Gómez, o concorrente de Gaitán à Presidência da República (BRIGARD SILVA, p.4; 55). Gómez ganharia, após a morte de Gaitán, as eleições, sendo o máximo governante da Colômbia no período 1950-1951. Este presidente, de grande influência na extrema direita latino-americana, teve enorme simpatia pelo nazismo e as suas relações políticas com o franquismo nunca foram um segredo. Também teve uma enorme influência na criação de grupos paramilitares de extermínio e fora o fundador dos jornais *El Siglo* e *La Unidad*. Segundo Salomón Kalmanovitz: “mientras en el liberalismo surge Jorge Eliécer Gaitán como propugnador de una ampliación de la democracia política y profundización de la reforma agraria, dentro del Partido Conservador emergía la fracción de Laureano Gómez que anunciaba la "reconquista" del poder, atacaba las reformas como atentatorias contra las instituciones tradicionales y la moral cristiana, impulsaba la defensa de la contrarrevolución española y expresaba ambiguamente su simpatía por los países del eje fascista” (2001, s/p). Em discurso pronunciado alguns dias após o Bogotazo, transmitido pela Radiodifusora Nacional, Laureano qualificaria assim a revolta: “Inmediatamente vi que se trataba de una revolución comunista del tipo exacto de las ocurridas en otras partes”. (GÓMEZ, 1948, s/p)

sucede que morramos, de algum modo, espécie diversa de morte, imperfeita e temporária, no próprio decurso desta vida. Morremos, morre-se, outra palavra não haverá que defina tal estado, essa estação crucial. É um obscuro finar-se, continuando, um trespassamento que não põe termo natural à existência, mas em que a gente se sente o campo de operação profunda e desmanchadora, de íntima transmutação precedida de certa parada; sempre com uma destruição prévia, um dolorido esvaziamento; nós mesmos, então, nos estranhamos. Cada criatura é um rascunho, a ser retocado sem cessar, até à hora da liberação pelo arcano, a além do Lethes, o rio sem memória. Porém, todo verdadeiro grande passo adiante, no crescimento do espírito, exige o baque inteiro do ser, o apalpar imenso de perigos, um falecer no meio das trevas; a passagem. Mas, o que vem depois, é o renascido, um homem mais real e novo, segundo referem os antigos grimórios. Irmãos, acreditem-me (ROSA, 1976, p.177)

Ora, trata-se de um relato<sup>11</sup> atípico dentro do próprio corpus do autor, em que não abundam as temáticas urbanas, os frios andinos ou as passagens cosmopolitas de intelectuais ou diplomatas. Essa estranheza tem efeitos sobre a produção crítica a respeito de Guimarães Rosa e a sua obra. O primeiro deles é uma quase absoluta indiferença da crítica respeito do relato; o segundo, uma indiferença correspondente para com a cidade em que acontece o seu enredo. Fernando Py se refere a esse espaço literário como “uma cidade de grande altitude, nos Andes” (1991, p. 569); Edson Santos de Oliveira diz que se trata de “um lugarejo perdido na Cordilheira dos Andes” (2010, p.72); Edna Tarabori Calobrezzi menciona uma “cidade desconhecida, situada nos Andes” (2001, p.104),

---

11 Um equívoco idiomático levou-nos em princípio a usar indistintamente as palavras “narrativa” e “relato” para referir-nos a “Páramo”. Apesar desse equívoco inicial, que poderia ter sido simplesmente superado pela utilização ao longo deste trabalho de “narrativa” (como na tradução brasileira do livro de Roland Barthes, *Análise estrutural das narrativas*), optamos por não normalizar ou privilegiar exclusivamente essa denominação. Isso, principalmente, porque apesar de que essas palavras têm sentidos restritos aos lugares em que aparecem com mais frequência (“relato” p.ex. ligado a questões jurídicas, testemunhais ou policiais; “narrativa” mais ligado com a autonomia do campo literário ou ficcional), no cotidiano elas se associam com a ação de “contar”. Na economia deste trabalho esse parecido e essa diferença podem ser usados com proveito, dado que o texto estudado se aproxima do testemunhal, do registro de acontecimentos do ponto de vista de determinado sujeito, tanto quanto da elaboração ficcional que comumente conhecemos como “narrativa”. Para dizê-lo de uma vez: em “Páramo” a questão do gênero se mantém indecível. Privilegiaremos “relato”, com algumas ocorrências de “narrativa”, para nos referir ao texto estudado.



para depois afirmar: “pode-se duvidar da existência efetiva da cidade” (p.105). Em outros textos chega a aparecer o nome “Bogotá”, mas para imediatamente se incluir num conjunto geral como “Cidade Ideal” (OLEA, 1987, p.11), como “uma cidade dos Andes” (SCHER PEREIRA, 2007, p.11), ou como um “lugar inóspito” (MENEZES, 2011, p.162).

Essa omissão não permite à crítica lidar com artifícios do texto tais como a substituição, a condensação e a proliferação de significantes, que são para Severo Sarduy característicos do (neo)barroco latino-americano (1999). Esses artifícios, que são desdobramentos da elipse retórica do barroco “histórico”, consistem:

1. na *condensação* de dois ou mais significantes dos quais “surge um terceiro termo [muitas vezes um neologismo] que resume semanticamente os dois primeiros”(1999,p.1391): “zunimensos”, “lugubruivos”, “gelinvernicos”, “estranhifício”, “rixatriz”, “cislúcido”, “asmância”, “fantasmagouraba”, “consolabundo”, “requiescer”, “trastempo”, “vociferoz”, “desaver”, “discordioso”, “clã-destino”, “passadidade”, “três-fólegos”, “mausoléia”, “entreconsciente” (cfr. 1976).
2. *substituição* de um significante nuclear por outros: “Bogotá” X “cidade andina”, ou X “cidade soturna” ou X “cidade hostil”, ou X “cidade colonial”, ou X “cárcere dos Andes” (1976);
3. *proliferação*, que consiste na obliteração de um significante e na sua substituição por uma cadeia de significantes que metonimicamente acaba circunscrevendo-o (ao significante ausente) de uma maneira tal que é impossível não inferi-lo: em “Páramo” não aparecem os nomes “Bogotá” ou “João Guimarães Rosa” mas, ao redor desses ausências se constituem perífrases que acabam apontando na sua direção (SARDUY, 1999,p.1387-1391). Por exemplo, pelas ruas anda um povo de “milhares” (p.183) de “cimérios”<sup>12</sup> vestidos com “ruanas”(p.194) e “pañolones”(p.178), que usa bogotanismos como “chirriado” (p.184), “uste”<sup>13</sup> (p.194); “paisano” (p.184); ou que se expressa com

12 Relativo a ou indivíduo dos cimérios, povo de um país imaginário, frio e obscuro que, segundo Homero, se situava no Ocidente, perto da morada dos mortos.

13 “chirriado. Elegante. Maravilloso. Ótimo. [...] uste, ústele. Voz utilizada para demonstrar surpresa ante un evento o comentario inesperado”. (OSPINA, 2011, p.244)

variações fonéticas da norma culta, quer dizer, com um sotaque particular: “*allisito no más*”, “*estrangeros*” (p.184). A cidade é “uma das capitais mais elevadas do mundo”<sup>14</sup> (p.178); está circundada por montanhas e, “nos dias de tempo mais claro, distinguem-se dois cimos vulcânicos”<sup>15</sup> (p.179). A arquitetura é caracteristicamente colonial<sup>16</sup>, como ainda hoje é visível no bairro *La Candelária*, no centro da cidade (p.178). O protagonista entra numa igreja: “San Francisco ou San Diego, todas tem a mesma cor de pedra parda, só uma torre, assim o grande terremoto de há quase dois séculos as poupou”<sup>17</sup> (p.183); anda, atrás de um cortejo fúnebre, pela “Calle 14” e pela “Carrera 13” até a cena final no “Cemitério Central”<sup>18</sup> (p.196). Em certo ponto, o narrador esclarece: “Naquela cidade, as ruas se chamavam *carreras* ou *calles*”<sup>19</sup> (p.194); depois presente “visões infra-reais [...] fantasmas [...] formas relíquias” que transitam por essa que chama “a capital do Novo Reino, dos Ouvidores, dos Vice-Reis”<sup>20</sup>(p.186). À procura de indicações de direção é enviado,

---

14 Bogotá tem uma altitude média de 2.630 metros sobre o nível do mar, está localizada na cordilheira oriental dos Andes, tem uma temperatura anual média de 15°C, duas temporadas de chuvas -de março a maio e de outubro a dezembro-, é a mais populosa das cidades andinas e a terceira capital mais elevada da América Latina. Possui o maior páramo do mundo, chamado Páramo de Sumapaz.

15 Trata-se de Monserrate e Guadalupe, de 3.152 e 3.317 metros de altitude sobre o nível do mar, e que albergam ermidas de 1620 e 1656, respectivamente. São as mais famosas das montanhas que circundam a cidade.

16 A cidade teve a sua fundação colonial no ano 1538, pelo conquistador Gonzalo Jiménez de Quesada, no local de repouso do *Zipa* (cacique *muisca*) chamado *Teusacá* e posteriormente *La Candelária*.

17 A Igreja de San Diego está localizada entre as *carreras* 7ª e 10ª à altura da *calle* 26, foi construída a partir de 1606. A Igreja de San Francisco foi construída em 1550, está no costado noroeste do cruzamento da *Carrera* 7ª com a Avenida Jimenez (*calle* 13) e no terremoto de 12 de julho de 1785 perdeu uma das suas torres. Segundo a *História de Bogotá*, o desabamento dessa torre foi a primeira notícia impressa no período do Vice-reinado e, provavelmente, é a primeira notícia impressa na cidade (PUYO VASCO, 2007, II, p.20). Os dois templos foram danificados durante o Bogotazo.

18 O *Cemitério Central* (*calle* 26 - *carrera* 20) foi aberto ao público a partir de 1836.

19 Bogotá em 1876 adotou uma nomenclatura das ruas em *calles* e *Carreras*, segundo numeração progressiva. É a única capital da América Latina que adotou esse sistema de coordenadas cartesianas para denominar e ordenar as suas ruas. Ángel Rama, em *La ciudad Letrada*, explica o fenómeno. (Cfr.1987, p.36)

20 Em 1549 a Corona espanhola instalou no território de *Santa Fe de Bogotá* uma *Real Audiencia*, com funções administrativas, militares e judiciárias sobre as províncias de Santa

por engano, à “*Plaza de Toros*”<sup>21</sup> (p.184). Por prescrição médica o protagonista deve evitar sair da cidade à procura de lugares mais amenos, cuja descrição poderia ser justamente a da geografia entre Bogotá e Zipaquirá ou Nemocón<sup>22</sup> (p.190). O caso do protagonista é similar. Embora não apareça o seu nome, ele partilha algumas características com Rosa: é um brasileiro cultíssimo, enviado a uma cidade andina nos anos 40, que sofre com a altura<sup>23</sup>.

Como antes dizemos sobre a cidade massificada, a massa heterogênea que invadiu os espaços urbanos de uma sociedade normalizada deu a esses espaços e ao novo conjunto humano o seu tom moderno: o conjunto foi anômico. Ora, em “Páramo” não há nomes próprios: nem do protagonista-narrador, nem do espaço, nem dos vários personagens que, rumo ao cemitério o acompanham, nem de alguns textos e autores colombianos direta ou indiretamente citados. A anomia é uma característica do relato, como o era da sociedade massificada que queimou o centro da cidade (local, aliás, da totalidade dos eventos narrados em “Páramo”). No entanto, anomia não é falta de singularidade senão de nome ou de lei. O conjunto é evanescente, porém singular, e a escrita o contorna. Corpo sem alma ou alma sem um corpo constituído ou sequer constituível como unidade: essa dialética paradoxal entre a procura através da linguagem de um objeto de desejo e a constatação da sua assimilação ou compreensibilidade impossíveis, essa proliferação de uma escrita que só pode se pensar como suplemento ou resíduo, esse desajuste entre a realidade e a sua imagem fantasmática, segundo Sarduy, “preside o espaço barroco” (1999,p.1402).

---

Marta, San Juan, Popayán, Guayana, Cartagena de Índias, Caracas, Cumaná e Maracaibo. Os *Oidores* eram os integrantes dessa *Real Audiencia*, assim como das chancelarias e colegiados que representavam o máximo órgão judiciário do *Império Español*. A instituição da *Real Audiencia de Santafe de Bogotá* deu à cidade o caráter de capital da entidade territorial então chamada de *Nuevo Reino de Granada* (1549-1718) e, posteriormente, do *Virreinato de Nueva Granada* (1718-1819), após a centralização nela da *Real Audiencia* de Quito e da *Capitania* de Venezuela.

21 *Plaza de toros de Santamaría*, construída em 1931.

22 São outras cidades do planalto cundi-boyacense.

23 Veja-se, a propósito do *soroche*, a carta a Vicente Guimarães de 21 de setembro de 1942 (GUIMARÃES, 1972, p.166-167). Tempo depois, Carlos Alberto Moniz Gordilho, Embaixador do Brasil em Bogotá, em carta ao Itamaraty, referir-se-ia ao *soroche* sofrido por Guimarães Rosa. Em documento oficial, o funcionário destaca seu “verdadeiro espírito de sacrifício, [e complementa:] nunca deixou que o seu estado de saúde que tanto se ressentia da grande altura de Bogotá, prejudicasse a sua atividade nesta Embaixada. A assiduidade ao serviço constitui uma das qualidades do referido funcionário”. (SEIXAS CORREA, 2007, p.38-39)

Para Roniere Menezes, “O texto foi escrito durante o período em que [Guimarães Rosa] viveu em Bogotá” (2011, p.162), e essa versão é a mais difundida. Algumas marcas do texto, assim como o seu caráter “inacabado”<sup>24</sup>, entretanto, não nos permitem subscrevê-la. Por exemplo, há uma citação do poema “A máquina do mundo” que Carlos Drummond de Andrade publicaria individualmente em 1949, e em 1951 como um dos poemas do livro *Claro enigma*. Mais um indício, agora espacial, que nos ajuda a situar o tempo da ficção: o narrador fala “desses grandes bondes daqui, que são belos e confortáveis, de um vermelho *sem tisne*, e com telhadilho prateado” (ROSA, 1976, p.186). Esse *tranvía* é de um vermelho “sem tisne” porque os fatos narrados em “Páramo” acontecem numa data, não mencionada no relato, porém anterior ao 9 de abril de 1948 -dia em que a quase totalidade dos bondes da *Empresa del Tranvía Municipal de Bogotá* fora queimada. A *fabula*, então, é anterior ao *Bogotazo*; e a escrita posterior.

A menção ao bonde está numa cena de violência:

Baixei a um mundo de ódio. Quem me fez atentar nisso foi uma mulher, já velha, uma índia. Ela viajava, num banco adiante do meu, num desses grandes bondes daqui, que são belos e confortáveis, de um vermelho sem tisne, e com telhadilho prateado. [...] Sei que, de repente, ela se ofendeu, com qualquer observação do condutor, fosse a respeito do troco, fosse acerca de algo em suas maneiras, simples coisa em que só ela podia ver um agravo. A mulher ripostou, primeiro, rixatriz, imediatamente. Daí encolheu-se, toda tremia. Ela cheirava os volumes da afronta, mastigava-a. Vi-a vibrar os olhos, teve um rir hienino. Era uma criatura abaçanada, rugosa, megeresca, uma índia de olhos fundos. Daí, começou a bramar suas maldições e invectivas. Estava lívida de lógica, tinha em si a energia dos seres perversos, irremisiva. [...] ninguém ousava olhá-la, ela era a boca de um canal por onde mais ódio se introduzia no mundo. Doem-se os loucos, apavoram-se. [...] Aquela mulher estará

---

24 “Páramo” está entre os textos que, à sua morte em novembro de 1967, o escritor mineiro deixara sem publicar. Esse texto foi publicado postumamente no livro *Estas estórias* de 1968, organizado por Paulo Rónai e Vilma Guimarães Rosa. Segundo a “Nota introdutória” de Rónai, “Páramo” consta nos esboços de índice que Rosa fizera para *Estas estórias*, chegou a ser datilografado e está entre os textos a que “só faltou uma última revisão do Autor” (p.XI). Alguns detalhes do texto nos dão uma ideia desse caráter “inacabado”: há no seu clímax um espaço vazio para citação que Rosa não chegou a preencher, uma citação de um Livro – “O Livro”- importantíssimo para a história; também há quatro anotações à margem do original datilografado que indicam possíveis substituições ou variações de palavras.

eternamente bramindo. Doo-me. (p.186-187)

O bonde ainda não queimado contem a sua pré e pós história, portanto, é uma imagem dialética nos termos de Walter Benjamin (Cf.1993) que permite a Guimarães Rosa se projetar sobre o passado -que viveu com a indiferença de um sonho- com a ciência do presente. Ao redor dessa imagem do “ainda não queimado”, o relato conta os dias de *soroche* do protagonista, as suas intermináveis caminhadas por uma cidade cruzada de tensões sempre a ponto de explodir, habitada por fantasmas, ou por entes abertamente violentos. Os fatos se organizam do aéreo – a cena de voo inicial- ao mineral- o desfecho no cemitério, o local do “renascimento” almejado pelo protagonista.

273

Para Walter Benjamin, o drama barroco alemão concebia a história como a cena de uma catástrofe, um amontoamento de ruínas: “A fisionomia alegórica da natureza-história [...] só está verdadeiramente presente como ruína [...] O que jaz em ruínas, o fragmento significativo, o estilhaço: essa é a matéria mais nobre da criação barroca” (1984, p. 207-208). Assim, à fragmentação da escrita no drama barroco –cuja marca estilística fundamental é uma tendência irrestrita à visualidade (p.197)- corresponde uma visão de mundo essencialmente melancólica, em que a morte é a única significação final do existente, e em que a história é só a manifestação representativa dessa paisagem petrificada. Ora, o narrador de “Páramo” diz estar: “Sob a melancolia –uma águia negra, enorme pássaro.”(1976, p.182).

Assim como o drama barroco construía a alegoria como uma ruína, ou fragmento, com um único conteúdo geral e intemporal: a morte; assim como essa alegoria só pode dizer uma coisa: a concepção da história como inevitável declínio ou catástrofe; a imagem dialética benjaminiana, expondo o agora da sua produção tanto quanto o outrora que reclama essa produção, evidenciando a sua própria materialidade, constitui uma sorte de transcendência na experiência e redime os fatos históricos: os mostra abertos ao sentido pela sua exposição –agora- como pedaços. Isso afasta radicalmente o pensamento de qualquer tentativa de atribuição de uma razão à história: não é mais o particular que se realiza como universal, senão o singular que se dissemina por toda a parte (DIDI-HUBERMAN, 2006, p.154), ou que faz mundo, diríamos. Se a história (do capitalismo, da evolução ou do progresso) é um amontoamento de cacos esquecidos, os fatos tem que se transformar em coisas (imagens,

alegorias, escrituras) para serem redimidos<sup>25</sup>, têm que ocupar o mundo e se fazer experienciáveis para não serem mais obliterados pela história dos vencedores.

Poderia se dizer que para Benjamin, o destino final da imagem é a sua remontagem em posição significante. Todas elas, as imagens, atreladas à significação da morte e assim expostas como o limite absoluto da vida, são também umbrais de passagem para a sobrevivência. É o caso de “Páramo”, pois todas as imagens nele convocadas apontam na mesma direção: seja o enforcado do Tarô que o narrador escolhe como o seu próprio emblema; seja a *Ilha dos mortos* de Arnold Böecklin evocada nele pelo cheiro da cidade, sejam os *Caprichos* de Goya com que são comparados os seus habitantes: todas as imagens, ou as suas figuras centrais, tem o olhar fixamente cravado na terra ou no túmulo. Expostas, evidentes, elas aguardam o “cada vez” da releitura e da reescrita como uma autêntica e contingente ressurreição. De fato, e como já se disse, o protagonista-narrador de “Páramo” aguarda pelo seu renascimento. Isso também guarda simetrias com a alegoria barroca teorizada por Benjamin:

...nas visões induzidas pela embriaguez do aniquilamento, nas quais tudo que é terreno desaba em ruínas, o que se revela não é tanto o ideal da auto-absorção alegórica, como seu limite. A confusão desesperada da cidade das caveiras [...] como esquema das figuras alegóricas [...] não é apenas significada, representada alegoricamente, mas também significante, oferecendo-se como material a ser alegorizado: a alegoria da ressurreição. (1984, p.255)

---

25 Rafael Gutiérrez-Girardot descreve essa “dialética na imobilidade” como uma tensão em marcha entre os arquétipos alegóricos e o fluir temporal da lembrança, recuperada aí como futuro. Para Gutiérrez, nessa dialética se adquire e se constitui a experiência do mundo como pluralidade: “a diferencia de la dialéctica hegeliana, la de Benjamin no es el recorrido del camino de la experiencia o de un proceso, sino la provocación del abrupto contraste, en el que la cosa misma, independientemente de la conciencia, adquiere su más definitivo perfil: el de una imagen, el de la alegoría o el de la idea, concebida monadológicamente” (1994, p.191). Essa interpretação coincide em muito com a de Susan Sontag, que em *Sob o signo de Saturno*, faz confluir a melancolia benjaminiana com a estudada por ele no barroco alemão: “Mergulhados na melancólica consciência de que ‘a história do mundo é uma crônica da desolação’, um processo de incessante desintegração, os dramaturgos barrocos tentam escapar da história e recuperar a ‘intemporalidade’ do paraíso. [Eles tinham] uma concepção ‘panorâmica da história’: ‘a história se funde com o cenário’. [...] Os temas recorrentes de Benjamin são, tipicamente, meios de espacialização do mundo:[...] Para o indivíduo saturnino, o tempo é o meio da repressão, da inadequação, da repetição, mero cumprimento. No tempo somos apenas o que somos [...] No espaço, podemos ser outra pessoa.” (1986,p.90)

Reclamada por Guimarães Rosa na escrita de “Páramo”, a imagem é, em verdade, um operador temporal de sobrevivências ou uma remontagem da história (DIDI-HUBERMAN, 2011,p.119; 2008). Nesse sentido, a imagem fulge como sintoma, isto é, como repetição em ato da catástrofe e como diferenciação do momento em que é ativada. Não é história concluída, senão coisa viva, latente na atualidade do relato. O bonde sem fuligem opera, assim, como sintoma, e ler as obras do passado como sintomas –segundo Georges Didi-Huberman- implica uma crítica da representação tanto quanto uma crítica à noção cronológica do tempo; uma interrupção desses cursos pressupostos homogêneos por uma *aparición* que aponta na direção de um *inconsciente da história* (2006, p.42-51).

Temos, assim, uma tríplice elisão: do sujeito, do espaço-tempo e do acontecimento. Essa tríplice elisão, além de induzir certa espectralização dos referentes, favorece uma proliferação significativa que se desdobra em citações ou alusões em que não falta a própria literatura colombiana (Cordovez Moure, Tomás Vargas Osório, Sanín Cano, Luis Tejada, p.ex. “aparecem” do lado de Machado de Assis, Carlos Drummond de Andrade, Verlaine, Proust, Boecklin, Goya, a mitologia grega, a escandinava, a latina, Bartrina, o Tarô, Platão, Eurípedes, etc.), se desdobra em motivos associados ao temperamento melancólico dominante no barroco teorizado por Benjamin (o cadáver, o cão, o inverno, o mineral, a terra, o dom profético, o espelho, o Livro, o livro dentro do livro, a biblioteca, a viagem, Saturno, o duplo, o luto, etc.) (Cfr. BENJAMIN, 1984, p.161-180), no uso e abuso de símbolos puramente gráficos (i.e. não faláveis nem compreensíveis fora da inscrição e da sua leitura)<sup>26</sup>, em neologismos, na incorporação de palavras anacrônicas ou de outras línguas<sup>27</sup>, numa sintaxe e ritmo entrecortados,

26 A respeito da singularidade da escrita rosiana, como antes mencionou-se, é paradigmático o uso de signos puramente gráficos. O relato se inicia, após o título e antes da epígrafe, com estes signos: -Ω-. A questão mais interessante é que, como uma leitura atenta deixa perceber, esses signos adquirem no texto rosiano significados diversos daqueles que a convenção tem lhes atribuído separadamente, tornando-os geralmente indícios da própria operação de escrita em que têm lugar. A mesma *refuncionalização* acontece, em muitos casos, com maiúsculas, minúsculas, itálicos, aspas, espaços em branco, sinais de pontuação e demais signos não fonéticos. (Para uma compreensão desse uso, particularmente no caso de *Grande sertão: veredas*, Cfr. VÉLEZ, 2009)

27 Quanto aos usos de palavras e expressões anacrônicas ou em outras línguas, bastem os seguintes exemplos: “Ivor”, “Olé”, “*Manibus angelorum*”, “...*Hear how a Lady of Spain did love an Englishman...*”, “Cárcel de los Andes”, “¿Qué chirriados son los extranjeros!”, “Allisito, no más, paisano...”, “*in via*”, “claustrados”, “pañolones”, “¿Y qué?...”, “Lo que sea, señor...”, “¿Lo ha sentido, Don...?”, “Soroche”, “Llanos”, “Su Señoría Ilustrísima”, “*in-pace*”, “podridero”, “hombria mala”, “tierra templada”, “zlavellinas, amapolas y azahares”, “¿Uxte!”

etc. Essa superabundância corresponde a uma opção pelo suplemento em detrimento da simples função comunicativa da linguagem, e acaba por criar uma imagem da cidade, do tempo e do sujeito que, se percebida como unidade paradoxal, se constitui como objeto parcial, isto é, para sempre exilado ou ausente de toda atribuição de um significado absoluto tanto quanto de toda apropriação a partir desse significado: “(a)licia que irrita a Alicia porque esta última no logra hacerla pasar del otro lado del espejo” (SARDUY, 1999,p.1402).

Se a IX Conferência representava um modelo de modernização caracteristicamente especulativo, que procurava acumular o excedente de riqueza num centro determinado, seria lícito pensar o acefálico *Bogotazo* como uma espécie de gasto improdutivo, nos termos de George Bataille (2009)? Pode se pensar a revolta como um desafio da massa anômica que queima os seus excedentes perante um sistema mesquinho, opondo ao mundo do cálculo a sua própria imagem como produtor de ruína?

Se for assim, pode se dizer que o relato opõe à economia restrita do pan-americanismo de pós-guerra –a essa mesma economia a que servia o diplomata Guimarães Rosa, que se apropriou da revolta e a fez servir a propósitos de acumulação de capital (uma capitalização do que não teve cabeça)– uma economia geral, em que o excesso se apresenta como um desafio, como a pulverização de um saber pretendido unívoco e de uma razão da história entendida como progressão homogênea. “Páramo” pode ser lido como uma impugnação do logocentrismo que operava em espaços como a IX Conferencia Pan-americana, como uma repotencialização da revolta dos sem nome e sem objetivo. Não é história concluída, senão coisa viva, pulsante na atualidade do relato; não uma fixação de causos ou costumes, senão um lampejo que ilumina brevemente tanto o presente de uma escrita posterior ao acontecimento quanto o tempo mesmo da sua irrupção. Isso quer dizer que assim como as imagens, personagens e citações até aqui comentados acompanham ao protagonista rumo ao túmulo, elas podem conduzi-lo de volta ao mundo. A estória trabalha contra a História.

As operações da crítica nacionalista, ou regional-universalista, são caracteristicamente restritas: usam o conjunto de textos assinados por Guimarães Rosa como moeda de troca num mercado internacional

---

“carreras o calles”, “¿Con que estás allá?”, “¿Quién es? ¿Quién es?”, “*in termino*”, “*insalutato hospite*”, “Señor, a usted se le ha perdido esto...”, “Entonces... perdimos nuestro Pancho...”, “Andará ya en el cielo...”, “¿Quién sabe?...” (cfr. ROSA, 1976).



da literatura. Isso, com as nuances devidas, ocorre com o *super-regionalismo* de Antonio Candido ou com a *transculturação narrativa* de Ángel Rama<sup>28</sup>: nesses protocolos de leitura, claramente, não cabe um texto como “Páramo” posto que ele, longe de permitir uma leitura autônoma (quer dizer, não contaminada pelo biográfico, pelo histórico ou pela biblioteca), afirma o seu valor na referência a outros textos, eventos e culturas “periféricos” a respeito dos quais exige uma leitura *em filigrana*. Se acatados os protocolos de leitura antes referidos, sem dúvida, o texto se manterá marginal, menor, sem muito interesse crítico. A economia geral, o dom, a hospitalidade, etc. que este trabalho propõe como fundamentais à lógica operativa da escritura rosiana, entretanto, questionam, abalam, ou comovem a centralidade da cultura de referência sem excluí-la do jogo, promovendo uma relação entre estranhos-íntimos que teremos de continuar repensando. Talvez o próprio não seja possível sem a intimidade do estranho que, não raro, mora bem ao nosso lado, no êxtase que é a morte e que pode ser um limiar aberto; talvez o próprio, o identitário, o *ipse*, sejam na escritura de Guimarães Rosa apenas semblantes desse êxtase em devir.

---

28 Veja-se, a propósito, “Una crítica acéfala para la modernidad latinoamericana”: “Los diagnósticos setentistas que[...] trabajaban, cada uno a su modo, por una modernidad capaz de neutralizar antagonismos explícitos, aunque relativamente débiles. Esa neutralización se llamó “transculturación” o “supra-regionalismo” y se orientó hacia un régimen autonomista de lectura. Constatamos, sin embargo, que ese libre juego de los imperativos sociales produjo, en diversos grados y con variadas características, una sociedad monocéfala, en clave nacional o estatal, o en ambas, pero siempre atrofiada en su aplastante esterilidad hacia lo nuevo. La escena contemporánea de América Latina, irregularmente libre y vital, nos ofrece, en cambio, una cultura policéfala, en que los antagonismos vitales se manifiestan de manera cada vez más constante y explosiva. Pero esa irreductible heterogeneidad, esa policefalia simbólica son un claro indicio de que sólo una crítica que rescate el carácter acéfalo de la existencia podrá cuestionar el retorno a las formas autonomistas de pensar la cultura, que no son otra cosa sino retornos reductores a la unidad, a un mundo anterior al *des-astre* y todavía habitado por Dios (llámese esa divinidad Verdad, Nación o Justicia)”. (ANTELO, 2008, p.134).

### Bibliografía

ALAPE, Arturo. *El bogotazo. Memorias del olvido: 9 de abril de 1948*. Bogotá: Ed. Planeta, 1987.

ANTELO, Raul. (2008): “Una crítica acéfala para la modernidad latinoamericana”, en *Revista Iberoamericana*, año VIII, N° 33. Madrid/Hamburgo.

ARIAS, Ricardo. “Los sucesos del 9 de abril de 1948 como legitimadores de la violencia oficial”. In: *Revista Historia Crítica*. Bogotá: Universidad de los Andes, Julio-Diciembre de 1998. p. 39-46.

BATAILLE, Georges. *La parte maldita*. Buenos Aires: Las Cuarenta, 2009.

BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1993.

\_\_\_\_\_. *Origem do drama barroco alemão*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1984.

BRIGARD SILVA, Camilo de. *Informe que rinde al Señor Ministro de Relaciones Exteriores de Colombia, el Secretario General de la IX Conferencia Internacional Americana*. Bogotá: Imprenta del Banco de la República, 1948.

CALLADO, Antonio. *3 Antônios e 1 Jobim. Depoimentos de Antonio Callado, Antonio Candido e Tom Jobim*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1995, p. 81- 82. Cf. *Cadernos de Literatura Brasileira*. João Guimarães Rosa. Instituto Moreira Salles. São Paulo, n. 20-21, dez. 2006, p. 24-25.

CALOBREZI, Edna Tarabori. *Morte e alteridade em Estas estórias*. São Paulo: EDUSP, 2001.

*Convenio Económico de Bogotá*. Washington D.C. OEA, 1948. Disponible em: <http://www.oas.org/juridico/spanish/tratados/a-43.html>. Acesso em: 30-03/2012.

DIDI-HUBERMAN, Georges. *Ante el tiempo: historia del arte y anacronismo de las imágenes*. Buenos Aires: Adriana Hidalgo Editora, 2006.

\_\_\_\_\_. *Cuando las imágenes toman posición*. Traducción de Inés Bértolo. Madrid: A. Machado Libros, 2008.

\_\_\_\_\_. *Sobrevivência dos vaga-lumes*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.

GÓMEZ, Juan Guillermo; CASTILLA, José Hernán; SÁNCHEZ,

Carlos. “Entrevista con Rafael Gutiérrez Girardot: Vida civil y crisis política en Colombia” (2ª parte). Bogotá: *Magazín dominical* 261, El Espectador, 27 marzo 1988, p. 17-21.

GÓMEZ, Laureano. “Discurso posterior a la muerte de Gaitán”. In: *Así se sintió el Bogotazo* [Recurso multimedia]. Disponible em: <http://www.semana.com/multimedia-politica/sintio-bogotazo/571.aspx>. Acceso em: 12-04/2012.

GUIMARÃES, Vicente. *Joãozito, infância de João Guimarães Rosa*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1972.

GUTIÉRREZ-GIRARDOT, Rafael. *Cuestiones*. México D.F.: Fondo de Cultura Económica, 1994.

KALMANOVITZ, Salomón. “El desarrollo histórico del campo colombiano”. In: MELO GONZÁLEZ, Jorge Orlando. *Colombia hoy*. Bogotá: Banco de la República de Colombia, 2001. Disponible em: <http://www.banrepcultural.org/blaavirtual/historia/colhoy/colo9.htm>. Acceso em: 07-05/2012.

LLERAS CAMARGO, Alberto. “Conferencia pronunciada en la Unión Panamericana por el doctor Alberto Lleras, Secretario General de la Organización de Estados Americanos, el 24 de mayo de 1948”. In: *Resultados de la Conferencia de Bogotá: serie de conferencias dictadas en la Unión Panamericana*. OEA. Maio 24-26, 1948. p.1-9.

MEDINA, Medófilo. “Bases urbanas de la violencia en Colombia”. In: *Revista Historia Crítica*. (Bogotá) v.1 fasc.1 p.20 - 32 ,1989.

MEJÍA DUQUE, Jaime. “El bogotazo: memorias del olvido”. In: *Consigna*. (Bogotá) Vol.7, N° 229, mayo 1983. p.47.

MENEZES, Roniere. *O traço, a letra e a bossa: literatura e diplomacia em Cabral, Rosa e Vinicius*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.

MÚJICA, Elisa. “Prólogo”; “Censos de Bogotá”. In: CORDOVEZ MOURE, José María. *Reminiscencias de Santafé y Bogotá*. Madrid: Aguilar, 1962. p. 14-20; p.1543.

OLEA GALAVIZ, Hector. *Intertexto de Rosa: reconstrução do processo de composição empregado por Guimarães Rosa pela interpretação de um texto (“Páramo”, Estas estórias)* [Dissertação de mestrado]. Universidade Estadual de Campinas: Campinas, 1987. Disponible em: <http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=vtls000062799&opt=4>. Acceso em: 23-04/2012.

OQUIST, Paul. *Violencia, política y conflicto en Colombia*, Bogotá, Instituto de Estudios Colombianos, 1978, p. 59.

OSPINA, Andrés. *Bogotalogo: usos desusos y abusos del español hablado en Bogotá*. Bogotá: Milenio Editores - Instituto Distrital de Patrimonio Cultural, 2011.

*Personal de las Delegaciones y de la Secretaría General*. Bogotá: Banco de la República, 1948.

PY, Fernando. “Estas estórias”. In: COUTINHO, Eduardo (Org.). *Fortuna crítica N°6, Guimarães Rosa*. São Paulo: Civilização brasileira, 1991. p. 562-573.

RAMA, Angel. *La ciudad letrada*. México: Ediciones del Norte, 1987.

REBELO, Marques. “Sessão de saudade- O Sr. Marques Rebelo”. In: *Em memória de João Guimarães Rosa*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1968. p.132-138.

ROCHA, Glauber. *Riverão Sussuarana*. Florianópolis : Ed. da UFSC, 2012.

ROMERO, José Luis. *Latinoamérica: las ciudades y las ideas*. México D.F.: Siglo Veintiuno Editores, 1976.

ROSA, João Guimarães. *Estas estórias*. José Olympio: Rio de Janeiro, 1976.

\_\_\_\_\_. *Tutaméia*. Rio de Janeiro: Editora José Olympio, 1968.

SÁNCHEZ, GÓMEZ, Gonzalo. “La Violencia y la Supresión de la Política”. In: TORRES DUQUE, Oscar. *El Mausoleo Iluminado: Antología del ensayo en Colombia*. Bogotá: Biblioteca Familiar Presidencia de la República, 1997. Disponível em: <http://www.banrepcultural.org/blaavirtual/historia/ensayo/violen.htm>. Acesso em: 09-04/2012.

SANTOS DE OLIVEIRA, Edson. “Traços melancólicos em Guimarães Rosa: uma leitura de ‘Páramo’, de *Estas Estórias*”. *Reverso: Belo Horizonte*, n. 59, p. 71 – 76, Jun. 2010.

SARDUY, Severo. *Obra completa*. Paris/Madrid/México: Unesco/ ALLCA XX/Fondo de Cultura Económica, 1999.

SCHER PEREIRA, Maria Luiza. “O exílio em “Páramo” de Guimarães Rosa: dilaceramento e superação”. *Psicanálise & Barroco – Revista de Psicanálise*. v.5, n.1: 7-21, jun. 2007.

SEIXAS CORRÊA, LUIZ FELIPE DE. “Guimarães Rosa, diplomata brasileiro”. In: Tópicos.DEUTSCH-BRASILIANISCHE GESELLSCHAFT E.V. SOCIEDADE BRASIL-ALEMANHA. Abril 2007. Ano 46, p. 38-39.

SILVEIRA, Joel. *Memórias de alegria*. Rio de Janeiro: Mauad, 2001.

SONTAG, Susan. *Sob o signo de Saturno*. Brasil: L&PM Editores, 1986.

VÉLEZ ESCALLÓN, Bairon Oswaldo. “El lenguaje y la muerte en *Gran Sertón: veredas*”. *Revista enunciación*, v. 14, p. 35-50, Bogotá, 2009.



281